

pelo colapso do modelo fordista de organização do processo de trabalho e sua substituição por mecanismos de trabalho flexível aliada a novos paradigmas tecnológicos, a financeirização do capital, em favor da acumulação rentista em detrimento da produtiva, a redefinição do papel do Estado, no que se refere à regulação da economia e as políticas sociais, configuram os principais elementos do cenário adverso aos trabalhadores, oriundo da crise global capitalista na contemporaneidade. Após um período de quase 30 anos, combinado pela expansão do capital com significativas conquistas sociais e trabalhistas, o “casamento impossível” entre os interesses da classe trabalhadora e do capital apresentava seus limites.

É a partir de tal contexto adverso aos trabalhadores, particularmente pelo desemprego estrutural, que se desenvolve a narrativa de “Segunda-Feira ao Sol”, que ao evidenciar a crise da sociedade do trabalho abstrato no atual quadro do capitalismo, destaca suas manifestações de caráter social e pessoal. O diálogo entre os personagens principais, que se passa em um bar, espécie de ponto de encontro dos demitidos da indústria naval, caracteriza-se pela troca de experiências, sentimentos, reações e interpretações das próprias condições, isto é, da vida pós-demissão, em um ambiente completamente desfavorável, no que se refere à busca por uma nova ocupação no mercado de trabalho, em razão de uma suposta desqualificação profissional que inclui o fator idade como um dos elementos de exclusão.



Mesmo que na forma de silêncio, como no caso dos personagens José e Amador, quase sempre reservados em seus sentimentos, “Segunda-Feira ao Sol”, pretende abordar a complexidade do drama que envolve a vida de desempregados para além de sua dimensão econômica, mesmo que essa seja muito significativa. O drama de indivíduos desempregados remonta, não somente o sentido do trabalho em sua conformação como mercadoria, isto é, sua atribuição dada especificamente pelo modo de produção capitalista, a do emprego. O drama vivenciado pela condição de desempregado passa pela anulação do sujeito, em que o conceito de trabalho assume

papel central na vida humana, elemento que é ao mesmo tempo, fundante e resultado do ser social e do processo civilizatório.

Mesmo se analisado do ponto de vista da lógica capitalista, a condição de desempregado representa uma experiência destrutiva do sujeito, pois resulta em uma incapacidade quase que completa, de contemplar as suas “necessidades fabricadas”. Vale destacar que, a partir do universo subjetivo criado pelo capital, em sua dimensão contemporânea, do qual o consumismo mais do que nunca, em razão de todo o aparato dos meios de comunicação, acentua sua essência fetichista, assumindo uma forma quase que vital de sociabilidade. Logo, estar desempregado, além dos fatores adversos que representam a reprodução material básica do indivíduo, expressa um significado negativo do ponto de vista da dimensão psíquica da afirmação do sujeito.



Nunca foi tão coercitiva a relação entre eficácia (como atributos individuais) e consumo, conformando um dos pilares centrais de sustentação do campo ideológico do capital. Mesmo para os trabalhadores empregados, formais e estáveis, que conservaram suas condições de trabalho, a pressão dada por esta relação, assume nos dias atuais, a forma de doenças como ansiedade, pânico, transtornos compulsivos obsessivos e depressão, entre outras resultantes da lógica do trabalho. Na condição de desempregado, há uma pressão no plano ideológico por parte do consumo ao mesmo tempo em que não há condições de sua realização, o que torna ainda mais perversa a lógica capitalista.

A forma como cada personagem, ao longo do filme vai reagindo ao drama cotidiano da condição de desempregado, assume configurações diversas, mas com um significado comum de que suas vidas “desmancharam no ar”, isto é, perderam suas bases de sustentação, econômica, política, cultural e psicológica e qualquer experiência pós-demissão assume apenas duas possibilidades: resistências como estratégias de sobrevivência ou uma espécie de suicídio gradual.

O personagem Santa, um dos principais do filme, até pelo seu passado de liderança sindical, assume os dramas da condição de desempregado, como um misto de sentimentos e expressões que passa pela angústia, ironia, desesperança, sadismo, pelo humor, solidariedade e rebeldia espontânea. Trata-se de um sujeito realista diante de uma condição de impotência quase que completa em que suas ações são ao mesmo tempo estratégias de sobrevivência e “vingança” pessoal.

Santa em vários momentos do filme expressa sua indignação particular contra o Estado de direito, contra os próprios companheiros e a civilização do capital de um modo geral. Logo no início do filme sua rebeldia é canalizada contra o bilheteiro da balsa que leva os passageiros de um lado para o outro da cidade, no mesmo instante em que desaprova o companheiro Lino, por se preparar para uma entrevista de emprego, da qual considera ser praticamente impossível passar pelo processo seletivo. Em certos momentos, Santa responsabiliza parte de seus companheiros pela sua condição e dos demais, quando grandes parcelas dos trabalhadores não aderiram às manifestações contra o fechamento do estaleiro. Ao mesmo tempo, Santa trava uma luta pessoal contra a empresa por ter quebrado uma luminária durante as manifestações. O valor cobrado pela empresa como restituição da luminária é pouco, porém, pagar a quantia seria uma derrota completa. Ao final do processo, quando seu advogado resolve pagar a luminária, evitando que a batalha jurídica se estenda a mais uma etapa, Santa quebra outra luminária, como forma cotidiana de resistência, por meio de uma espécie de vingança pessoal. Aqui vingança e resistência caminham muito próximas. Mas nada além de uma manifestação pessoal sem caráter de classe.

O personagem Santa, na perspectiva de “Segunda-Feira ao Sol”, representa um aspecto da luta de classes em que, a classe em si não alcança sua condição para si, isto é, não consegue ultrapassar sua “condição de proletariedade” e se constituir como sujeito histórico capaz de ação social e política para fins de promover a “negação da negação”. Santa representa em termos gerais, a fragmentação dos trabalhadores em um contexto de refluxo dos movimentos sociais de classe, ao mesmo tempo em que se manifestam “incômodos” ou formas cotidianas de resistências dispersas contra o metabolismo social do capital.

O que consideramos aqui como “formas cotidianas de resistência” são expressões, no plano individual, de negação da sociedade do trabalho abstrato. Porém,

tal negação, não se completa no sentido de uma consciência de classe para si. Mesmo em meio à intensificação do processo de exploração da força de trabalho e o aprofundamento da precarização das condições gerais de trabalho, contraditoriamente, há uma tendência em curso de “sufocamento” do sujeito histórico de classe.



O filme “Segunda-Feira ao Sol” apresenta de forma metafórica, entre outras teses, a de que há uma combinação entre dois processos: primeiro uma completa desvalorização da dimensão social do trabalho na mesma medida em que se acentua a lógica da mercantilização do ser social que trabalha. O segundo um reforço ideológico no sentido de uma legitimação da perversidade metabólica do capital, por meio de suas premissas de auto realização pessoal. O personagem Lino, assume esta perspectiva. Lino passa quase que todo o filme se preparando para entrevistas de emprego tentando “enganar” o processo seletivo pintando o cabelo para parecer mais novo, se vestindo com as roupas do filho e aprendendo informática. Lino de fato acredita ser possível uma recolocação no mercado de trabalho, mesmo sendo um homem de mais de 35 anos de idade e sem os requisitos necessários exigidos pelas empresas capitalistas. Ao final do filme desiste de uma das entrevistas talvez por medo ou por perceber que a conquista da vaga seria praticamente impossível.

Lino assume a forma própria, do ser social da era do capitalismo manipulatório motivado por um universo de valores-fetiche, expectativas e utopias de mercado que configuram a subjetividade dos indivíduos em busca de um novo homem produtivo mesmo que este não se encontre mais no mercado de trabalho. Há no capitalismo contemporâneo de caráter manipulatório um intensivo reforço na crença de ascensão por desempenho pessoal. Os novos padrões de organização do processo de trabalho, fundado em procedimentos de trabalho flexível, cujo exemplo maior denomina-se toyotismo, por meio de contratos, jornadas e remunerações variáveis, vinculadas ao

cumprimento de metas, projetam um ser social não somente no ambiente fabril ou da empresa, mas também para além da esfera da produção. Há a formatação de uma sociabilidade fundada na expectativa de mercado em que a lógica do liberalismo econômico assume papel estruturante da vida social.



José, ao contrário de Lino, não acredita mais na civilização do capital e em seu principal instrumento legitimador: O Estado burguês. Mesmo que sem uma consciência plena, ou seja, consciência para si, o personagem José, em “Segunda-Feira ao Sol” representa o mais completo descrédito nas instituições sociais do capital. José parece ter perdido as esperanças na possibilidade de encontrar um novo emprego, pois já não procura mais oportunidades de recolocação no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, expressa o que podemos considerar como um desmanche de autoestima, que se revela na insegurança na vida pessoal e particularmente no casamento. A mulher de José, Ana, é trabalhadora da indústria de alimentos e assume uma posição social superior a do marido, já que este se encontra desempregado, o que resulta em uma crise no ambiente familiar. Tal crise, expressa entre outras hipóteses, uma questão de gênero em que José parece não aceitar que a mulher possa trabalhar enquanto ele está desempregado.

Todo momento, José se mostra insatisfeito com a situação, chegando a comparecer ao ambiente de trabalho de sua mulher para tirar satisfações. A situação de crise matrimonial se torna mais acentuada, pelo fato de que, além de trabalhar, Ana ainda trabalha no turno da madrugada o que leva José a pensar em traição. A indignação de José com a situação conjugal, com a condição de desempregado e de um modo geral com as agências representativas do poder econômico do capital, revela-se no momento em que o casal se dirige a uma instituição bancária com o objetivo de solicitar um empréstimo e José de forma agressiva “ataca” os procedimentos administrativos da instituição, que segundo ele, seria uma forma de farsa.

A farsa da instituição bancária, denunciada por José, pode ser interpretada como a denúncia da sociabilidade burguesa na medida em que esta é representada pela maior de todas as farsas: a do fetiche da mercadoria. A forma mercadoria, e particularmente a mercadoria trabalho, oculta por meio de sua fetichização, a atividade do trabalho como mecanismo de criação de valor. Na medida em que todo o produto do trabalho social se converte na farsa da categoria mercadoria, toda sociabilidade burguesa se configura com o uma farsa, o que estabelece uma crise de confiança generalizada. Talvez não fosse exagero aceitar que tudo é mentira na civilização do capital.



Esta perspectiva de análise é facilmente verificada nas próprias ações de marketing, de comercialização das mercadorias, que circulam nos meios de comunicação em nosso cotidiano. José questiona justamente este ponto sobre o engano do anúncio de publicidade bancária. O capitalismo em sua incapacidade sistêmica de realizar suas promessas de igualdade, liberdade e fraternidade, expressa sua dinâmica metabólica por meio de uma insistente e contínua farsa. José percebe tal condição, mas não pode exercer mais do que uma simples ação isolada de repúdio a prática bancária, o que representa certa impotência pessoal diante da ausência de uma resistência de classe organizada.

O personagem Amador, em “segunda-Feira ao Sol, representa as consequências extremas da sociabilidade burguesa fundada no trabalho abstrato, quando essa, na incapacidade sistêmica de manter o pleno emprego, constitui o que consideramos desemprego estrutural e retira do mercado de trabalho parcelas de trabalhadores que assumem, em seu conjunto, uma característica funcional ao mercado mesmo que fora dele. O exército industrial de reserva, como verificado por Marx, cumpre um papel

fundamental na intensificação de extração de mais-valia, pois permite o rebaixamento das condições de trabalho na medida em que se coloca como espécie de “estepe” da produção. Fica evidente na narrativa fílmica de “Segunda-Feira ao Sol”, que a sociedade burguesa é excludente em todos os sentidos e não permite uma vida digna para todos.

Amador, como ser social produto da sociabilidade burguesa, ou seja, expressão de um processo histórico econômico, político, cultural e psicológico, conforma um complexo de experiências e sentimentos que fazem do personagem o mais derrotado entre os amigos pela condição de desempregado. Amador, após o fechamento de estaleiro e conseqüentemente sua demissão, entra em um processo que consideramos ser suicídio gradual. A morte de Amador permite uma dúvida sobre sua natureza do ocorrido que se estabelece entre acidente ou suicídio. Para uma leitura crítica, podemos concluir que na verdade pouco importa a natureza do fato em si. A morte de Amador pode sim ser considerada uma espécie de suicídio processual. Após ser demitido e ser abandonado pela mulher, provavelmente como reação em cadeia dos fatos, Amador passa a viver de forma precária, em meio a sujeira e a embriaguez cotidiana. A narrativa sobre o personagem Amador nos permite pensar que o ser social já estava morto antes de sua falência física-biológica.



O personagem Amador, se torna interessante, pois contempla múltiplas interpretações. Uma das possíveis leituras, e a de que Amador, com o ser social polariza em sua intimidade duas dimensões do trabalho: O trabalho, como força de trabalho, ou seja, como mercadoria e o trabalho vivo, fundante do ser social. A polarização entre

trabalho vivo e força de trabalho na configuração do ser social, permite pensarmos em um esvaziamento de sentido da vida conformando uma crise existencial. Talvez a “saída” percorrida por Amador, como resolução do problema do esvaziamento de sentido de sua vida, após o fechamento do estaleiro, sua demissão e o abandono da mulher, tenha sido a do suicídio processual e gradual.

Talvez o sentido da crise existencial de Amador, resida na própria crise da sociedade salarial no capitalismo contemporâneo, manifestada em sua dimensão social, ou se quisermos em “crise do trabalho vivo”. A partir da crise do trabalho vivo, tal como observado pelo professor Giovanni Alves, configuram-se outros complexos de crises resultantes da condição de precarização dos trabalhadores, que inclui o desemprego como uma de suas formas: (1) crise da vida pessoal, (2) crise de sociabilidade e (3) crise de autoreferência humano-pessoal. Cada uma dessas dimensões se manifesta, por meio de seus personagens, na narrativa de “Segunda-Feira ao Sol”.

Ao final do filme, Santa, José e Lino “sequestram” a balsa que transportam os passageiros, de um lado para o outro da cidade, talvez pessoas que conservaram seus empregos instáveis, e navegam a deriva enquanto os passageiros esperam uma resposta para o ocorrido. Metaforicamente podemos concluir múltiplas interpretações: primeiro, o sequestro da balsa, nos permite pensar em um fragmento de ação de resistência fundada em uma incipiente cumplicidade de classe por meio de seus personagens, como se estivessem esperando os outros passageiros entrarem no mesmo barco. Segundo, trata-se de uma tentativa de dirigir a própria vida fora dos limites colocados pela sociabilidade do capital. E finalmente, pensar uma vida com sentido fora da lógica fundada no trabalho abstrato, em que todos possam contemplar uma, “Segunda-Feira ao Sol”, sem o sentimento de derrota, mas como condição dada pelo acúmulo das capacidades humanas, voltadas aos interesses dos homens e mulheres, como resultante da reconstituição da condição do ser social humano-genérico. O título do filme, “Segunda-Feira ao Sol”, nos permite pensar a polarização entre duas possibilidades de absorver as segundas-feiras: uma segunda-feira, no contexto da sociedade do trabalho abstrato, carregada de seu sentido negativo e ao mesmo tempo, a possibilidade de deslumbrar uma segunda-feira no contexto da sociedade do trabalho vivo, em que se possa contemplar o sol sem os constrangimentos da ordem burguesa.

Bibliografia:

ALVES, Giovanni. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo, 2000.

ALVES, Giovanni. *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

ALVES, Giovanni. *A condição de proletariado: esboço de uma analítica existencial da classe do proletário*. Disponível in: Curso virtual “Tela Crítica”, 2012.

ALVES, Giovanni. *Crise de valorização e desmedida do capital: breve ensaio sobre a natureza da crise estrutural do capital*. Disponível in: Curso virtual “Tela Crítica”, 2012.

ALVES, Giovanni. *Trabalho flexível, vida reduzida e precarização do homem-que-trabalha: perspectivas do capitalismo global no século XXI*. Disponível in: Curso virtual “Tela Crítica”, 2012.

BERMAN, Marshall . *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, C. James. *Formas cotidianas da resistência camponesa*. Raízes, Vol. 21, n. 01, junho de 2002.

MATTOSO, Jorge. *A desordem do trabalho*.Campinas: Scritta,1995.